

# É NECESSÁRIA A RELIGIÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA CULTURA? A VISÃO DE CHRISTOPHER DAWSON EM SEU LIVRO RELIGIÃO E CULTURA

Nicolás Olivares Bøgeskov

Doutor em Filosofia pela Pontificia Universidad Católica de Chile. Professor do Centro de Estudos Filosófico-Teológicos Redemptoris Mater de Brasília. E-mail: nolivaresb@rmater.org.br

**Resumo:** Sintetiza a argumentação histórica com que Christopher Dawson fundamenta em seu livro "Religião e cultura", que uma correta integração entre religião e cultura é necessária para que a cultura possa cumprir corretamente a sua função própria como sistema de vida comum. Os fatos históricos permitem determinar que uma integração orgânica é possível quando a religião reconhece, por um lado, os valores temporais presentes na cultura e, por outro lado, o caráter convencional e perfectivo das formas culturais em que são expressas as verdades religiosas. Toda religião deve considerar, ademais, como universalmente acessíveis à razão certas verdades fundamentais que os dogmas não podem contradizer.

**Palavras-chave:** Christopher Dawson. Religião. Cultura. Civilização. Progresso.

**Abstract:** It synthesizes the historical argument with which Christopher Dawson bases in his book "Religion and culture", that a correct integration between religion and culture is necessary so that culture can correctly fulfill its proper function as a system of common life. Historical facts allow us to determine that an organic integration is possible when religion recognizes, on the one hand, the temporal values present in culture and, on the other hand, the conventional and perfective character of the cultural forms in which religious truths are expressed. Every religion must, moreover, regard as universally

accessible to reason certain fundamental truths which dogmas cannot contradict.

**Keywords:** Christopher Dawson. Religion. Culture. Civilization. Progress.

**Resumen:** Sintetiza la argumentación histórica con que Christopher Dawson sostiene en su libro *Religión y cultura* que una correcta integración entre religión y cultura es necesaria para que ésta pueda cumplir su función propia como sistema de vida común. Los hechos históricos permiten determinar que una integración orgánica es posible cuando la religión reconoce, por una parte, los valores temporales presentes en la cultura y, por otra parte, el carácter convencional y perfectivo de las formas culturales en que se expresan las verdades religiosas. Además, toda religión debe considerar como universalmente accesibles a la razón ciertas verdades fundamentales que los dogmas no pueden contradecir.

**Palabras clave:** Christopher Dawson. Religión. Cultura. Civilización. Progreso.

**Sommario:** Sintetizza l'argomentazione storica con cui Christopher Dawson fonda nel suo libro "Religione e cultura", che una corretta integrazione tra religione e cultura è necessaria affinché la cultura possa svolgere correttamente la sua funzione propria di sistema di vita comune. I fatti storici consentono di stabilire che un'integrazione organica è possibile quando la religione riconosce, da un lato, i valori temporali

*presenti nella cultura e, dall'altro, il carattere convenzionale e perfetto delle forme culturali in cui le verità religiose sono espresse. Ogni religione deve, inoltre, considerare come universalmente accessibili alla ragione alcune verità fondamentali che i dogmi non possono contraddire.*

*Parole chiave: Christopher Dawson. Religione. Cultura. Civiltà. Progresso.*

*Résumé: : Résume le raisonnement historique sur lequel Christopher Dawson fonde dans son livre « Religion et culture », qu'une intégration correcte entre la religion et la culture est nécessaire pour que la culture puisse remplir*

*correctement sa fonction propre en tant que système de vie commune. Les faits historiques permettent de déterminer qu'une intégration organique est possible lorsque la religion reconnaît, d'une part, les valeurs temporelles présentes dans la culture et, d'autre part, le caractère conventionnel et perfectif des formes culturelles dans lesquelles les vérités religieuses sont exprimées. Toute religion doit, en outre, considérer comme universellement accessibles à la raison certaines vérités fondamentales que les dogmes ne peuvent contredire.*

*Mots-clés: Christopher Dawson. Religion. Culture. Civilisation. Progrès.*

## INTRODUÇÃO

O estudo da história parece poder fornecer exemplos quer a favor quer contra uma valoração positiva da influência da religião na cultura. Assim, uma discussão na qual os contendores limitam-se a invocar fatos históricos parece, muitas vezes, uma guerra de trincheiras. Para os defensores da religião os conflitos e obstáculos ao desenvolvimento cultural não são causados propriamente pela religião, senão por interesses e por paixões escondidos atrás da religião. Por outro lado, quem desacredita o valor cultural da religião diz que toda religião oculta motivações não religiosas que são de fato o verdadeiro princípio do desenvolvimento cultural, pelo que considera conveniente remover todo revestimento religioso. Em suma, uns consideram que a religião não é realmente a causa do atraso cultural, mesmo que pareça; outros, ao invés, acreditam que a religião não é realmente causa do progresso cultural, mesmo que pareça.

Christopher Dawson, internacionalmente reconhecido historiador britânico convertido ao catolicismo aos 25 anos, está entre aqueles que defendem a importância da religião para o desenvolvimento cultural. No seu livro *Religião e cultura*<sup>1</sup> expõe magistralmente esta tese de modo sintético e sistemático. Sempre com base na evidência histórica, Dawson

<sup>1</sup> DAWSON, Christopher. *Religion y cultura*. Buenos Aires: Sudamericana, 1953.

revela as vias por onde as religiões se materializam na cultura. Esta base histórica faz colapsar os reducionismos positivistas que consideram toda religião como subproduto de algum tipo de processo evolutivo. Contudo, Dawson assume os conflitos e os casos de prejuízo cultural no quais as convicções estiveram envolvidas. Sem ignorar o fato de que esses conflitos estão frequentemente motivados por paixões mundanas revestida de religiosidade, Dawson identifica certos vícios intelectuais que podem estar implantados em qualquer tradição religiosa e que envolvem uma compreensão defeituosa de uma legítima dimensão secular da cultura.

Em *Religião e cultura* o autor não busca fazer uma apologia do cristianismo católico, senão da religião em geral. Porém, de forma alguma pode-se acreditar que para Dawson todas as religiões sejam equivalentes, mas sim podemos notar que assume que em toda religião pode haver elementos de verdade e que tudo aquilo que não seja verdadeiro numa religião é reconhecível porque contradiz verdades naturalmente acessíveis à razão humana<sup>2</sup>. Contudo, não pelo mero fato de ser verdadeira pode uma religião se livrar necessariamente de todo vício na sua relação com a cultura.

## A INFLUÊNCIA DAS RELIGIÕES NA CULTURA

### ***O CONHECIMENTO RELIGIOSO***

A cultura, segundo Dawson, é um sistema de vida comum no que se articulam dois princípios essenciais: um material dado pela adaptação ao entorno particular de uma comunidade, e outro formal dado por uma certa concepção da vida comum. A religião, por seu lado, é, desde um ponto de vista etnológico, uma certa «organização espiritual», isto é, uma ordenação da vida na qual é estabelecida uma relação com aquela realidade

<sup>2</sup> Dawson considera que a ruptura com a religião cristã no ocidente não é devida a um conflito entre razão e fé, senão entre ciência e filosofia. Assim diz em *Progresso e religião*: «Muita coisa foi escrita durante o último século sobre o conflito entre religião e ciência, porém a oposição da ciência e da filosofia foi realmente muito mais fundamental» (DAWSON 2010, p. 250). Mais precisamente, a rejeição da metafísica clássica tem levado à rejeição da religião cristã, mas não de outras crenças religiosas.

transcendente da qual o homem considera si mesmo como radicalmente dependente. Esta ordenação supõe verdades fundamentais, não apenas sobre a existência da divindade, senão também sobre sua natureza e a relação do mundo com ela. Contudo, estas verdades não são constitutivas da religião assim como ela foi definida, senão suas condições ou fundamentos.

Compreendida como certa ordenação da vida humana, a religião resulta inseparável da cultura e se une a ela de modo semelhante a como se unem as partes orgânicas de um corpo. Portanto, não é que religião e cultura sejam uma parte integral da outra, senão que são realidades distintas: cada uma tem uma origem própria e uma função própria. Ao passo que na cultura articulam-se as relações entre os homens, na religião articula-se a relação do homem com Deus. Deste modo, enquanto a cultura surge com a relação entre os homens, a religião surge com a relação do homem com a divindade.

Estes modos de conceber a religião e a cultura excluem as concepções que decorrem de uma visão positivista e evolucionista. Este tipo de concepções é incompatível com os dados empíricos, pelo que a religião não pode ser compreendida como derivada de qualquer necessidade material, nem como algo que decorre do desejo de segurança ou de qualquer outro interesse ou motivação secular.

Toda religião supõe o conhecimento da divindade e a possibilidade de se relacionar com ela. No decorrer da história tem sido amplamente admitido que todo homem tem a capacidade de conhecer pela razão natural a existência de Deus, ao passo que o agnosticismo e o ateísmo tem sido fenômenos raros. O conhecimento natural de Deus tem duas fontes: o mundo natural e o interior da consciência humana. Nas diversas religiões pode ser encontrada uma acentuação maior de um destes tipos de conhecimento. Nas religiões em que é acentuado o primeiro tipo de conhecimento é frequente encontrar uma tendência ao politeísmo; no entanto que as religiões em que se acentua o segundo tipo de conhecimento evidenciam uma tendência a afirmar a unidade da divindade, podendo atingir o extremo de identificar

tudo com ela. Porém nenhuma religião (além das religiões artificiais) baseia-se neste conhecimento obtido por vias naturais, mas em todas elas tem prioridade um conhecimento que –embora possa ser compatível com o conhecimento natural– é considerado como revelado. Os canais desta revelação podem ser enfeixados em três tipos ou figuras fundamentais presentes em uma sociedade: a figura profética, a figura sacerdotal e a figura real. Estas são as fontes do conhecimento propriamente religioso.

## **AS VIAS DE INFLUÊNCIA DO CONHECIMENTO RELIGIOSO**

### ***A PROFECIA***

A figura profética encontra-se em todas as religiões e dela dependem, em certa medida, as outras duas figuras. O profeta ou vidente é aquele que cumpre a função de oferecer aos homens a orientação proveniente do mundo divino, sendo, portanto, uma função que exige o dom da experiência mística. A mensagem profética incide sobre a cultura ordenando a vida da comunidade para um fim religioso, a ponto de – como afirmava o filósofo da história Ibn Khaldun (1332-1406) – a história de um povo poder ser compreendida como o resultado do impulso dado pelos diversos movimentos proféticos. Além disso, a origem da poesia está também associada com a profecia.

Contudo, existem dois perigos associados à profecia: primeiro, a profecia pode alentar movimentos revolucionários; segundo, podem surgir falsos profetas que servem dissimuladamente interesses seculares. Este rebaixamento da mensagem profética pode ser combinado com um movimento revolucionário (Rousseau, Robespierre, Saint-Just), mas sua força não nasce possíveis interesses legítimos de tipo político ou económico, senão que residem «nos estratos mais profundos da consciência»: o amor ao poder e à riqueza. A necessidade de controlar os movimentos revolucionários tem precisado de instituições que velem pelas tradições. Uma de estas instituições tem sido o sacerdócio. Contudo, esta vigilância não é a principal tarefa do

sacerdote, cuja função nunca pode-se ser dissociada da mensagem profética. Quando tal ocorre, a religião torna-se secular, isto é, a religião fica identificada com a tradição cultural e põe-se ao serviço de poderes mundanos. Este defeito nas religiões acaba motivando a aparição de novas figuras proféticas.

### **O SACERDÓCIO**

O sacerdócio é o tipo social de índole religiosa influi na cultura do modo mais direto e perdurável, pois faz parte do tecido social e sua função configura diretamente a vida da comunidade. O sacerdócio incide na cultura de três maneiras: forma parte da classe culta vinculada ao surgimento das civilizações, é o agente privilegiado da relação entre culturas diversas e é o guardião das tradições que dão unidade e caráter a uma cultura.

1º) A função própria do sacerdote é administrar os ritos de culto –em particular, o do sacrifício– que permitem à comunidade se relacionar com a divindade. Os rituais incluem um complexo sistema de doutrinas cujo conhecimento exige um alto grau de preparação. Deste modo, a tradição do sacerdócio «está no coração de todas as grandes civilizações universais, menos a chinesa e a helênica» (p. 125). Vemos surgir, neste quadro, os primeiros centros de ensino. Quando o culto se realiza em templos públicos (e não nos ambientes familiares, como no caso da Índia), as escolas têm sede neles. Mas os templos também podem ser, além de centros de ensino, centros econômicos, dando origem a corporações que incidem no cultivo da literatura e das ciências. O interesse crescente nos mistérios dos rituais, entendidos como parte de um processo cósmico que dá acesso ao conhecimento e à união com o ser supremo deu origem no Oriente à ordem monástica budista, a qual influenciou na cultura mediante a difusão de obras teológicas, metafísicas e literárias. Por seu lado, na sociedade ocidental o clero formou universidades, gerenciou a educação e cultivou a língua culta. Até mesmo o humanismo que desencadeou o processo de secularização permanece unido à cultura clerical.

2º) O contato entre diversas culturas é um dos principais princípios do desenvolvimento cultural. A história ensina que estes contatos não ocorrem até que as religiões das diversas culturas se unem, ou por sincretismo, ou por atividade missionária. Neste segundo caso os sacerdotes cristãos têm desempenhado um papel fundamental. Embora seja verdade que toda cultura dominada (ou evangelizada) é alterada, deve-se notar que o interesse dos sacerdotes pelas culturas evangelizadas tem permitido salvaguardar múltiplos elementos culturais delas. Este tipo de alterações é, ademais, muito menos destrutivo que aquele determinado por interesses puramente seculares.

3º) O sacerdócio tem sido, finalmente, a corporação social conservadora do núcleo cultural tradicional. Esta função é essencial pela coesão social e, portanto, pela sobrevivência de uma civilização. O próprio Auguste Comte admitiu a importância desta função sacerdotal, razão pela qual ele tentou instaurar o sacerdócio da «religião da humanidade». Porém, nenhuma classe intelectual secularizada:

*conseguiu proporcionar um sistema coerente de princípios e valores que pudesse unificar a sociedade moderna, e, conseqüentemente, revelaram-se incapazes de resistir as forças irracionais, inumanas e amorais que estão destruindo tanto a tradição humanista quanto a tradição cristã da cultura ocidental (p. 126).*

### **A REALEZA**

A realeza tem uma função claramente política, «mas deve o seu prestígio social a o seu caráter religioso ou divino» (p. 129). O vínculo com a divindade que confere tal caráter divino ao rei é reconhecido por três motivos. Primeiro, porque é considerado como divinamente inspirado aquele que manifesta qualidades o heroísmo e o sábio conselho. Segundo, porque é atribuída a uma certa linhagem é alguma relação com a divindade. Terceiro, porque o rei é concebido como mediador da assistência divina que traz prosperidade.

A religião do antigo Egito é um caso paradigmático de uma religiosidade marcada pela figura do rei sagrado. A unificação do Alto e do Baixo Egito pôs em movimento um processo de sincretismo religioso pelo que o rei do Egito acabou recebendo os títulos de diversas divindades. Entre esses títulos estão os que pertencem às figuras de um deus-sol moribundo e de um deus-sol nascente. Esta fusão é a raiz dos elaborados ritos mortuários é também de «a primeira concepção conhecida de uma vida celestial do além-túmulo» (p. 139). O dogma da imortalidade real contribui para reforçar a ideia da divindade do Faraó. Por um lado, esta fusão teve repercussões negativas para a cultura, porque deu lugar a arbitrariedades e opressão. Mas, por outro lado, a concepção de uma vida celestial futura está relacionada com «a primeira concepção clara de uma lei de justiça ao mesmo tempo social e divina» (p. 141). Maat é a primeira divindade abstrata da religião egípcia. A sua função é a de inspirar os mandatos do rei e validá-los. Isto implica, simultaneamente, que o rei está sujeito ao juízo da Justiça eterna. «Esta associação da justiça com a realeza por um lado, e com a justificação da alma imortal no tribunal divino por outro lado, chega a ser elemento essencial da religião egípcia» (p. 142). Posteriormente, este juízo do além-túmulo passou a ser considerado como destino de todo homem.

A cultura egípcia influenciou nas culturas circunstantes. Esta influência não se limita a casos de formas estagnadas de religiosidade arcaica, mas antes encontramos outros dois tipos relevantes de influência. No primeiro lugar, a adoração de um poder transcendente materializado na persona do rei levou a casos de divinização de tiranos e de perpetração de crimes atrozes. «Mas, por outro lado, inspirou a esperança de um reino da retidão e o advento de um divino Salvador» (p. 148). No Antigo Testamento encontramos estes dois casos. Por um lado, encontramos casos de uma exaltação demoníaca do poder humano oposto à soberania de Deus. Por outro lado, vemos que se fala de um reino de Deus estabelecido entre os homens e de um rei salvador. Convém destacar que nos textos bíblicos a realeza dos gentios

também é considerada como algo sagrado. Assim, por exemplo, Ezequiel, em referência ao rei de Tiro, descreve o arquétipo do rei sagrado como aquele que governa com mandato, divino desde que reconheça a sua dependência da divindade. Isaías, por sua vez, descreve a missão de Ciro, rei de Pérsia, como uma tarefa divina; e o segundo Isaías identifica ao rei Ciro com a figura do profeta, redefinindo deste modo o arquétipo messiânico.

## **O DESENVOLVIMENTO CULTURAL IMPULSADO PELAS RELIGIÕES**

Como já foi dito, toda cultura social, entendida como um sistema de vida comum, compreende um aspecto matéria, dado pela adaptação ao meio ambiente particular, e um aspecto formal, dado pela concepção comum da vida social. As religiões influem na cultura configurando este aspecto formal da cultura. Ora, ao passo que a sobrevivência de qualquer cultura depende da sua coesão interna, o seu desenvolvimento, no entanto, depende da sua capacidade de integração com outras tradições culturais. É evidente que toda religião favorece a coesão interna de uma cultura, mas resta determinar de que modo uma religião pode favorecer ou desfavorecer a relação entre diversas tradições culturais. Em todo progresso cultural registrado historicamente tem se dado uma certa fusão cultural, e nesse processo de integração cultural, as religiões universais –aquelas que se distinguem por um grau maior de racionalização– tiveram um papel de liderança. Estas religiões formaram uma concepção ordenada da vida e do mundo que permitiu a integração harmoniosa, não apenas dos diversos elementos da vida comum, mas também de toda novidade apreendida pelo contato entre as culturas.

### **A CIÊNCIA**

O específico da cultura provém da criatividade espiritual do homem, a qual, segundo a evidência dos estudos etnológicos, sempre esteve influenciada por um interesse religioso, isto é, pelo desejo de relacionar a

vida humana com a realidade divina. Desta forma toda adaptação consciente ao meio físico vem acompanhada de uma certa compreensão do mundo e de um interesse religioso. Os primeiros desenvolvimentos científicos e tecnológicos são testemunhas disso.

Um exemplo de ciência que nasce por interesse religioso é a ciência do calendário. Esta é a ciência mais antiga das que atualmente continuam a existir. O seu caráter religioso evidencia-se tanto em seu interesse quanto em seu objeto, já que os astros são encarados como divindades ou instrumentos da ação divina. Com efeito, a conexão entre os ciclos naturais e o movimento dos astros confirma-se pela simples observação. Disto resulta que a ordem natural é concebida como efeito da ação divina. É verdade que esta ciência surge do interesse e da necessidade de compreender os ciclos anuais vinculados à agricultura, porém não há evidência que confirme a ideia de que as necessidades práticas precedem os conceitos religiosos, como era sugerido pelo Frazer.

A primeira fonte da ideia da ordem cósmica não se encontra na ciência do calendário, mas na ciência sagrada do sacrifício. Esta é a primeira forma organizada de conhecimento. Todo ritual de sacrifício supõe uma concepção ordenada do cosmos, já que a função do sacrifício é relacionar a vida humana com a divindade, o que é possível unicamente ao integrar a vida na dinâmica ordenada do universo. O estudo filosófico da ordem cósmica manteve seu caráter religioso original em diversas fases da sua transmissão: desde a filosofia grega até o pensamento científico da renascença.

### ***O ORDENAMENTO SOCIAL***

Toda cultura inclui uma concepção da vida social. Na medida em que a coesão social dada pela concepção comum da vida seja estável e contínua, é viável que o desenvolvimento cultural dê origem a uma civilização. Ora, as religiões têm sempre influído na concepção da vida social. Quando, pela influência da religião, predomina na cultura um ordenamento social baseado na lei natural, a tradição dessa cultura é favorecida por uma maior

estabilidade e continuidade. Contudo, embora em todas as civilizações universais achamos a ideia de um fundamento divino da lei que rege a sociedade, nem todas elas é dada a mesma importância a esta ideia.

A maior relevância dada à lei natural é própria das culturas teocráticas nas quais procura-se conformar a vida com a ordem estabelecida pela divindade. Trata-se de culturas altamente socializadas, nas quais o poder político está reduzido ao mínimo. Um tipo oposto de cultura é aquela de tribos guerreiras regidas por ideais mais seculares. Não são culturas irreligiosas, mas a sua religião valoriza mais as qualidades individuais do guerreiro. Embora as culturas teocráticas sejam mais avançadas e mais duradouras, as culturas guerreiras tendem a expandir-se e a exercer pressão sobre as culturas teocráticas. Na América pré-colombiana é possível encontrar estes três tipos de cultura religiosa: o da cultura teocrática socializada, pacífica e ritual; o tipo guerreiro agressivo que exalta as façanhas individuais; e o tipo misto que possui uma classe sacerdotal, uma classe guerreira e uma realeza sagrada que une as classes anteriores.

Este terceiro tipo de cultura encontra-se em todas as culturas superiores e é distintivo da Europa e da Ásia. Contudo, o grau de importância dado à tradição teocrática ou à tradição guerreira varia de uma cultura para outra. Nestas sociedades é frequente observar que – se a secularização não é total – um conflito entre uma concepção teocrática da sociedade que propõe um ideal de conformidade com a ordem divina, e uma concepção de sociedade governada por um estado como organismo de poder material e autoridade coercitiva. Um exemplo notável disto é a cultura tradicional chinesa.

Na cultura chinesa predomina a tradição de tipo teocrático. Apesar de ser considerada uma das culturas menos religiosas do mundo, na qual o sacerdócio não teve relevância, é, contudo, uma cultura baseada na lei natural. China é o único caso em que é possível encontrar continuidade entre a ordem sagrada (composta pela ordem natural, a ordem do sacrifício e a ordem social) e a lei moral, estando ambas sujeitas à lei do

universo. A religião antiga da China sobreviveu à concorrência do budismo graças às reformas efetuadas por Confúcio, que não foi um profeta, mas um admirador e conservador das tradições. Segundo Confúcio a ordem sagrada que rege a vida social e a natureza está contida nas tradições e nos rituais. Daí que Confúcio transformara a ordem ritual tradicional em um princípio de ordenamento moral. Desta forma, a relação com o ser transcendente acontece mediante a participação nos rituais tradicionais e o cumprimento do dever social. Deve-se notar, doutro lado, que a durabilidade surpreendente do confucionismo não se deve a seu tradicionalismo, mas à motivação psicológica que deriva do fato que a sua doutrina vincula a instituição da família patriarcal tanto com ordem universal, quanto com a organização do estado. Desta forma, a piedade filial transcende o âmbito familiar e se estende à ordem política e religioso-ritual.

Como resposta a defeitos do confucionismo, surgiu o taoísmo. Assim como os confucionistas, os taoístas acreditam que existe uma ordem sagrada de caráter transcendente e que o destino do homem se conformar com ele. Porém, eles buscam alcançar este objetivo através da contemplação mística. As ideias anti-traditionalistas do taoísmo foram aproveitadas pelos positivistas jurídicos que inspiraram os estadistas do império Qin no século III a.C. Eles queriam dar à lei do estado o valor da lei dos céus. Para esse efeito, intentaram separar a moralidade da sanção religiosas, e enraizá-la unicamente nas leis utilitárias. Esta nova ordem levou gradualmente a um militarismo expansionista sangrento.

Finalmente, o tradicionalismo confucionista foi restaurado pela dinastia Han. E assim como neste caso, o confucionismo acabará sendo restaurado na China outras vezes depois de movimentos de crítica do taoísmo e do budismo. O confucionismo é, portanto, um dos melhores exemplos históricos de «um órgão espiritual adaptado a sua função social» (p. 198) que conseguiu dar continuidade a uma tradição cultural.

### **A DISCIPLINA DE VIDA**

Além da disciplina social, cada cultura inclui uma disciplina da mente e do espírito. O significado original da palavra “cultura” refere-se ao cultivo da alma. Por causa do dualismo histórico entre cristianismo e helenismo, no mundo ocidental costumamos pensar que ganhar cultura não tem nada a ver com a religião. No entanto, em todas as grandes civilizações a tradição cultural e a religiosa identificam-se. Na china, por exemplo, são os eruditos aqueles que exercem a função de guardiões da tradição religiosa, substituindo nesta tarefa a classe sacerdotal.

Em todo caso, considerando a evidência histórica, pode dizer-se que a cultura espiritual é essencialmente uma preparação da mente para seguir a lei divina. Esta preparação inclui um aspecto ritual, mas também inclui uma disciplina interior, à qual as religiões têm designado um lugar importante.

*Desde as primeiras etapas da cultura, encontramos a consciência de que as práticas ascéticas produzem poder espiritual e devem ser dirigidas normalmente segundo regras certas, e guiadas por um mestre experto (p. 203).*

Dawson escolhe como exemplo histórico a ascética do hinduísmo e do budismo. No hinduísmo as tradições ascéticas são desenvolvidas a partir dos *Upanixades*. Todas as tradições religiosas e filosóficas hindus são disciplinas de salvação e perfeição individual. O asceta caracteriza-se por viver longe da sociedade, mas ainda mais se caracteriza por deslocar a sua luta consigo mesmo «a um plano transcendental e metafísico» (p. 260), buscando viver em um estado contemplativo do ser transcendente. A disciplina ascética é enquadrada na doutrina da reencarnação, a que contém ela própria a doutrina da retribuição (*karma*) e da libertação (*moksha*). Ante a perspectiva de uma reencarnação indefinida busca-se desenvolver técnicas que permitam escapar a esse destino angustiante. As primeiras técnicas de libertação consistem na renúncia às satisfações físicas

e no controle do próprio corpo (*yoga*). Mais tarde esta via de libertação é considerada insuficiente e superficial, o que levou a buscar a libertação seguindo o caminho do conhecimento e da intuição espiritual.

Por seu lado, O budismo, crítico dos métodos bramânicos, considerou que toda vida humana, incluindo tanto a religião como a filosofia, se resume «a um caminho interior de disciplina moral e mental, em que se compreende o nada da existência, sendo atingida a extinção do desejo e a paixão» (p. 211). A introversão e negação extrema do mundo pode parecer incompatível com o desenvolvimento cultural e com o ordenamento social. Contudo, a evidência histórica mostra que, no budismo, a busca do cultivo da alma representa um princípio dinâmico que configura uma identidade cultural e promove o desenvolvimento da civilização. Tanto para o budismo como para toda religião universal, o ambiente cultural é compreendido como um instrumento auxiliar do aperfeiçoamento individual. Deste modo, a negação extrema do mundo levou ao desenvolvimento da literatura e à organização da vida comunitária de uma maneira compatível com os ideais religiosos.

Todavia, deve ser notado que nestes casos de negação extrema do mundo é perceptível também a perda de algo essencial da religião: ser uma ponte entre dois mundos, isto é, um meio pelo que a mesma ordem cultural vem relacionada intencionalmente com a realidade espiritual transcendente.

## **INTEGRAÇÃO ORGÂNICA ENTRE RELIGIÃO E CULTURA**

De acordo com o acima referido, a religião mostra-se como aliada do desenvolvimento cultural enquanto tem impulsionado o conhecimento científico, tecnológico e filosófico, tem permitido estabelecer um ordenamento social que tem dado continuidade à tradição cultural, e tem fornecido uma disciplina individual de vida com repercussões positivas no desenvolvimento das artes, da literatura e da filosofia. Contudo, a história oferece também exemplos em que as religiões aparecem como fontes de conflito e como defensoras de convicções contrárias a verdades científicas

e filosóficas. Em muitos casos, poderá haver certo grau de degradação das religiões causada por interesses seculares ou por simples orgulho. Não obstante, também é possível que, sem que haja algum grau de corrupção do que é propriamente religioso, encontrem-se anexadas às religiões certas disposições intelectuais prejudiciais para uma síntese orgânica entre cultura e religião. Esta síntese é necessária, porque a religião tende por si mesma a encarnar-se na cultura, e se esta integração não se realiza de forma orgânica, o resultado prejudica tanto a cultura como a religião.

Essa integração orgânica entre cultura e religião é possível, segundo Dawson, separando, por um lado, a fundamental e vital intuição religiosa que compreende a vida humana como dependente da lei divina, e, por outro lado, o ideal idolátrico de realização terrenal da ordem divina, mas sem que por causa de esta separação a vida humana perca a sua dimensão terrenal e corporal, sendo transferida a um mundo inumano e abstrato. Para alcançar esta separação sem cair em misticismos excessivos, duas condições devem ser satisfeitas: em primeiro lugar, a afirmação do direito transcendente de uma religião não deve ser interpretada como uma negação do valor temporal da cultura; em segundo lugar, não deve ser atribuído um valor universal e absoluto a quaisquer formas culturais particulares, mesmo que estejam consagradas por um ideal religioso.

Não é fácil encontrarmos na história um exemplo de religião suficientemente ajustada e essas condições. Na grande maioria dos casos, dá-se uma identificação entre cultura e religião, de modo que os conflitos culturais se tornam conflitos religiosos. No passado, encontramos duas maneiras de lidar com esses conflitos: uma é a via do sincretismo, e a outra é a via da unificação cultural sob uma única religião. O sincretismo tem dado origem a religiões artificiais desprovidas de vitalidade criativa que acabam sumindo bastante rapidamente. As religiões universais, por outro lado, na medida em que estão dotadas de uma teologia natural que lhes permite transcender os condicionamentos materiais das culturas particulares, tiveram maior sucesso na unificação e solução dos conflitos. Porém, estas

religiões geraram superculturas que dividiram a humanidade em cinco ou seis mundos. Contudo, as barreiras que separavam estes grandes blocos culturais têm ficado enfraquecidas em grande medida devido à expansão gradual da cultura ocidental. Esta expansão foi impulsionada inicialmente de modo consciente, já que, inspirando-se nas ideias do Iluminismo do século XVIII, a cultura ocidental foi considerada como modelo universal de civilização. Embora esta ideia parece ter sido abandonada, o processo de unificação econômica e social continua, uma vez que é mantido um interesse universal pelas ciências e a tecnologia.

Nesta situação, as grandes religiões sobreviveram, «mas perderam toda relação orgânica com a sociedade» (p. 241) e são vistas como um obstáculo que deve ser removido. Isto tem levado à secularização «mais intensa e mais ampla que o mundo já conheceu» (p. 242): «Temos uma cultura científica universal secularizada que é um corpo sem alma; enquanto por outro lado a religião mantém sua existência separada como um espírito sem corpo» (p. 244). Contudo, a história mostra que o homem sempre tem buscado o fundamento religioso do seu sistema de vida comunitário (a cultura), e não há nenhuma razão para pensar que esta tendência tenha deixado de existir e que não permaneça de maneira latente. Além disso, também não há motivo que impeça uma síntese entre uma civilização científica e uma religião transcendente e universal, mas, pelo contrário, a história mostra a compatibilidade entre o ideal de uma organização racional do mundo material e o ideal de ordenar a própria existência conforme os fins transcendentais. Aliás, a sobrevivência da humanidade precisa de uma «recuperação do controle moral e o regresso à ordem espiritual» (p. 246). Para que isso aconteça é necessário que se produza uma transformação no espírito da civilização. Mas não no sentido de ter que surgir uma religião nova, senão entendendo que deve ser buscada a integração espiritual que permita restaurar a relação vital entre religião e cultura que sempre existiu em todo processo de desenvolvimento humano.